

Administrar a água

Airton Spies

No último verão, Santa Catarina mais uma vez enfrentou os efeitos catastróficos da seca. Vários municípios decretaram estado de emergência ou calamidade pública em função da falta de água para o consumo humano e animal. As perdas nas lavouras e na produção animal foram enormes e seus efeitos se estendem muito além do período da estiagem, pois inviabilizam muitas propriedades que não conseguem pagar suas dívidas. Não há dúvida de que a seca é um fator causador de êxodo rural e de ruptura da estrutura social.

A água talvez represente o maior paradoxo do mundo atual. Embora seja a substância mais comum do planeta Terra, cobrindo quase que 80% de sua superfície, a água potável é muito escassa, pois representa apenas 3% do total. A situação piora ainda mais, segundo a ONU, pois apenas 1% da água potável está acessível para o consumo e os outros 2% estão retidos em forma de gelo nas calotas polares.

As pequenas propriedades rurais estão passando por muitas dificuldades, com as perdas de colheitas e os preços históricos dos principais produtos agrícolas em declínio, devido ao suprimento do mercado com produções em grande escala a custos menores. Assim são forçadas a competir empregando tecnologias que aumentem a produtividade, mas que por outro lado também significam mais custos. Mais custos, por sua vez, significam mais riscos. As tecnologias disponíveis permitem atingir níveis de produtividade muito acima do que a realidade atual apresenta. Por exemplo, pesquisas indicam que o milho tem potencial para produzir 9.000kg/ha, com irrigação, mas os produtores em SC estão atingindo médias que não passam de 3.000kg/ha, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE – e o Instituto de Planejamento e Economia Agrícola de Santa Catarina – Instituto Cepa/SC.

A lógica do pequeno produtor rural é simples: com pouco capital disponível e com o risco das intempéries a que as lavouras estão sujeitas atualmente, investir em tecnologias de alto custo seria assumir um risco muito alto, talvez insuportável para a propriedade. Então ele decide gastar pouco, correr pouco risco, mesmo sabendo que a produtividade será

baixa. Isso consolida o ciclo da pobreza. Mas estará o produtor errado na lógica de sua decisão? Talvez não, principalmente se olhar para os inúmeros vizinhos que já tiveram que deixar ou vender suas propriedades por não conseguirem pagar suas dívidas.

Se ocorrem tantas estiagens e se causam tantos prejuízos, seria Santa Catarina então um Estado seco, impróprio para investimentos na agropecuária? Não, absolutamente não, quando considerarmos que chove em média mais de 1.500mm/ano. Isso é muita água, para padrões internacionais. Na Austrália, por exemplo, nas regiões de maior produção agrícola e pecuária, não chove mais de 800mm/ano. O mesmo ocorre na região de Canterbury, na Nova Zelândia, grande celeiro de produção de grãos e leite do país.

A diferença é que nesses lugares a produção agrícola cresceu a partir de projetos que permitiram administrar a água. Foram construídos reservatórios e sistemas de retirada de água do subsolo que viabilizam a irrigação. E esta também parece ser a saída para a agricultura familiar do Brasil. É preciso guardar e administrar parte da enorme quantidade de água que a chuva generosamente nos traz em certas épocas do ano, mas que infelizmente escorre rapidamente para os rios e daí para o mar. Na Austrália a prioridade dos produtores de algodão já é o desenvolvimento de tecnologias que permitam diminuir as perdas de água por evaporação nos reservatórios.

A situação descrita até aqui nos permite sugerir uma ação que certamente daria uma nova perspectiva para a agricultura familiar. É preciso fazer estudos urgentes e implantar projetos de reservatórios de água comunitários, que possam abastecer as necessidades das propriedades rurais quanto a irrigação, consumo animal e humano, além de oferecer oportunidades para atividades econômicas como criação de peixes e turismo. Também ajudariam a assegurar o abastecimento urbano. É sabido que em torno dos mananciais e reservatórios de água a vida aflora, o desenvolvimento acontece. Até nas áridas reservas de vida selvagem da África essa lição fica clara. Os animais se concentram em torno das fontes de água, pois ali há vida e as cadeias alimentares se completam.

Com a disponibilidade de água, as propriedades familiares poderiam investir em atividades de alta densidade econômica, como olericultura, fruticultura, produção de flores e criação intensiva de animais, aumentando sua renda e sua sustentabilidade. Os produtores pode-

riam produzir mais em menos áreas, utilizando as terras realmente aptas para a agricultura e destinando as outras para atividades como reflorestamento ou pastagens perenes. O impacto positivo da disponibilidade de água para irrigação se dá em dois sentidos: um pela redução de perdas de colheita por estiagens e outro pela possibilidade de investimento com confiança em tecnologias mais produtivas.

Os dados dos estudos conduzidos pela Epagri através do projeto Melhoria dos sistemas produtivos da agricultura familiar de Santa Catarina indicam que o tamanho do negócio agrícola não depende somente da área de terra disponível. Depende, sim, do que e de como a propriedade produz. Ou seja, é possível fazer grandes negócios em pequenas propriedades fazendo expansão por intensificação. A irrigação é, portanto, a chave para abrir as oportunidades para a propriedade investir em atividades que utilizam tecnologias mais produtivas (e talvez mais caras) mas com retornos positivos, dentro de limites de risco administráveis.

Investir em infra-estrutura para administrar a água deveria ser prioridade na ação dos governos no campo, pois ela promove desenvolvimento duradouro. Contudo, barragens e reservatórios deveriam ser muito bem planejados, com estudos de impacto ambiental, econômico e social, para evitar os erros que já foram cometidos no passado. Não deveriam ser projetos megalomaniacos, a comunidade deveria ser ouvida. Outras ações como reflorestamento, manutenção de matas ciliares, plantio direto e técnicas de conservação e eficiência no uso da água deveriam ser combinadas. Nos EUA, o Rio Colorado foi afetado por um sistema de retenção de suas águas em barragens, construído na década de 30, e nos períodos de seca suas águas não chegam mais ao mar. Os resultados são catastróficos, pois a maravilha que permitiu produzir abundantemente num lugar causou enormes danos ao meio ambiente e à economia em outro. Portanto, não se pode incorrer no erro de resolver um problema criando outro. Mas, continuar com a situação atual em que a agricultura familiar está sendo inviabilizada por estiagens em uma região de alta pluviometria como Santa Catarina também é inadmissível.

Airton Spies, eng. agr., administrador de empresas, M.Sc., Cart. Prof. 30.737-1-D, Crea-SC, Epagri, C.P. 502, fone (0XX48) 239-5566, fax (0XX48) 239-5597, 88034-901 Florianópolis, SC, e-mail: spies@epagri.rct-sc.br.